



Entre a inovação e o roubo

Sob a luz difusa de um set de filmagem ou diante da tela fria de um computador, pulsa uma tensão que atravessa a história: o que pertence ao criador e o que pertence à coletividade? Hoje, esse debate ganhou ares dramáticos — não porque a tecnologia seja maligna, mas porque nos confronta com a essência mesma da criatividade humana.

Atrizes como Cate Blanchett e Scarlett Johansson tornaram-se vozes centrais nessa conversa. Não é mera casualidade que artistas — cuja matéria-prima é a experiência subjetiva, a emoção destilada e a narrativa em forma de gestos e palavras em cena, tenham se levantado contra a forma como a inteligência artificial consome e reproduz criações alheias. Elas não estão apenas defendendo seus direitos autorais; estão, sem perceber, defendendo um conceito mais profundo: a dignidade da expressão humana.

A história do direito autoral, como sabemos, remonta de um tempo em que a cópia era artesanal, lenta e transparente. Os iluministas debateram a alma da criação, afinal, uma obra — fosse um quadro, um romance, uma sinfonia — era uma extensão da mente e do corpo de seu autor. Locke ecoaria aqui com sua noção de propriedade intelectual: a ideia de que aquilo que a mente cria também carrega, intrinsecamente, um direito de posse moral. Mas, se a caneta do pintor ou as teclas do compositor criam, o que dizer de uma máquina que replica sem viver, sentir ou sofrer?

A inovação tecnológica sempre foi acusada de roubo. Quando a prensa de Gutenberg democratizou a palavra, os copistas aplaudiram e temeram. Quando o cinema emergiu projetando sonhos em movimento, poetas questionaram a originalidade da imagem. E agora, com algoritmos que recitam estilos, nosso zeitgeist está em outro momento de espanto e redefinição.

O uso de inteligência artificial no campo artístico não é, em si, algo a ser demonizado. Há, nela, potencial para expandir horizontes, remixar narrativas, provocar cruzamentos até então impensáveis. Mas há um ponto cego que nos arrasta para uma encruzilhada ética inflamável: a apropriação sem reconhecimento.

Quando uma artista como Blanchett levanta a voz, ela está dizendo: “Não somos bancos de dados ambulantes”. Quando Johansson questiona a utilização de sua voz ou imagem gerada por IA, ela não está negando a tecnologia, e sim lembrando



que inovação não pode ser plágio disfarçado, e roubo não é apenas duplicação sem permissão; roubo é a desvalorização do mundo subjetivo que cada criador carrega no olhar, na memória e nas cicatrizes. É transformar o singular em descartável,

o vivido em recurso para sustentar a produção.

Eu me junto a elas no coro que mostra que no centro de qualquer tecnologia, ainda há um coração que pulsa, uma mente que imagina e uma história única que não deve ser reduzida a um código.